



OS POEMAS DA GUERRILHA DO ARAGUAIA: uma poética da resistência *THE POEMS OF THE ARAGUAIA GUERRILLA: a poetics of resistance*

Ivania da Silva Pereira de MELO¹  

RESUMO: Este artigo analisa os poemas *Cantar é preciso* e *Eh, Marabá* que têm como tema a guerrilha do Araguaia, que são parte de um conjunto de textos poéticos publicados no jornal *Resistência*, em fevereiro de 1979, no Brasil. A análise considerou os aspectos históricos relacionados ao tema e a constatação da questão central: quais elementos presentes indicam o enquadramento dos poemas em uma poética da resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Guerrilha do Araguaia. Resistência. Poema. Memória.

ABSTRACT: This article analyzes the poems *Cantar é precise* and *Eh, Marabá*, which have as their theme the Araguaia guerrilla, which are part of a set of poetic texts published in the newspaper *Resistência*, in February 1979, in Brazil. The analysis considered the historical aspects related to the theme and the identification of the central question: which elements present indicate the framing of the poems in a poetics of resistance.

KEYWORDS: Araguaia Guerrilla. Resistance. Poem. Memory..

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPA). E-mail: ivanpmelo2016@gmail.com

Introdução

As críticas ao governo ditatorial que comandou o Brasil no período de 1964 a 1985 aconteceram de várias formas, entre elas estão as manifestações artísticas e jornalísticas. Tais protestos podem ser encontrados, principalmente, na imprensa “alternativa”. Entre esses veículos de comunicação com declarada linha editorial combativa está o *Resistência*, jornal que publicou, na edição de fevereiro de 1979, “Os poemas da guerrilha do Araguaia”.

Trata-se de oito textos reproduzidos do folheto *Primeiras Cantigas do Araguaia*, de Libério de Campos. Na apresentação da obra, disponibilizada no site da Biblioteca Brasil Nunca Mais, os familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha cogitam a possibilidade de serem poemas escritos pelos guerrilheiros (CAMPOS, 1980, p. 4). Tal suposição ganha reforço em razão da: polifonia presente nas produções reunidas; semelhança e espelhamento com materiais de outras fontes; e ausência de dados contundentes acerca da existência de Libério de Campos – que mais parece um disfarce de alguém que foi, sobretudo, o responsável por reunir esses textos e atuar como editor. Porém, também não há evidências que assegurem a autoria dos guerrilheiros.

Neste estudo, independente de quem os escreveu, os poemas são observados à luz do contexto de produção, particularmente em função dos fortes elos temáticos com a guerrilha. Por estarem ligados a um cenário de militância política, a abordagem adotada é a da análise materialista, utilizada para a constatação da questão central: verificar quais elementos presentes no conjunto indicam o seu enquadramento em uma poética da resistência.

Há nos poemas expressões de lutas por direitos e liberdades que encontraram no *Resistência* o suporte e a visibilidade negados em outros espaços. Por conta da repressão da época, o jornal sofreu boicote, apreensão de exemplares e teve colaboradores perseguidos por órgãos do estado ditatorial².

A presença da guerrilha do Araguaia em suas páginas está profundamente relacionada a essas punições. Contudo, as ações repressivas não aconteceram somente em resposta às notícias vinculadas a tal assunto, mas a todo o *status quo* envolvido na política editorial adotada pelo *Resistência*, a exemplo de sua primeira crise financeira motivada pela publicação de depoimentos sobre torturas. Nesse percurso, a sua história não se limita apenas a mostrar o caminho de um jornal pró-resistência, mas a trajetória de como ele lutou contra a repressão. Assim, a título de um preâmbulo, afirmamos

² Para mais informações sobre o jornal ver MELO, Ivania. **Araguaia em verso e prosa**: os poemas da guerrilha veiculados pelo *Resistência* (o jornal em defesa dos Direitos Humanos). 2018. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

que o presente estudo se justifica em função de que os jornais alternativos com clara política editorial de combate ao governo ditatorial, que circularam no Brasil no período de 1964 a 1985, ainda constituem um material rico em informações e precisam ser mais explorados.

A resistência e a Guerrilha do Araguaia

Em fevereiro/78 a Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SDDH) lançou a edição zero de seu jornal, o *Resistência*. Dois mil exemplares foram distribuídos: em Belém (entre as comunidades de bairro, estudantes, jornalistas, padres, intelectuais, políticos e imprensa em geral); em alguns municípios do Pará (Baião, Santarém, Cametá, Marabá, Alenquer, Paragominas e outros); e nos grandes centros do país, chegando a ser conhecido internacionalmente.

Sempre se colocou ao lado dos menos favorecidos, contra os interesses do regime militar e de seus apoiadores. Seu propósito era apoiar as reivindicações da população e denunciar as ações que feriam os direitos e liberdades das pessoas. Por conta de sua política editorial sofreu perseguições, apreensão e boicote que provocaram atrasos e interrupções em suas edições regulares. Uma dessas ações ocorreu após a edição especial de aniversário da SDDH, de agosto/78, publicar os relatos de quatro ex-presos políticos sobre as torturas sofridas por eles nos anos 71/72. Antes de sair da gráfica, quatro mil e quinhentos, dos cinco mil exemplares impressos, foram apreendidos por agentes da Polícia Federal em cumprimento à ordem do Ministério da Justiça. Os responsáveis pela publicação, entre eles o editor-chefe, Luiz Maklouf Carvalho, foram arrolados pelo Inquérito Policial Militar (IPM) 78/78, com base na Lei de Segurança Nacional (LSN).

O jornal que iniciou com impressões mensais, após as ações de reestruturação, em fevereiro/82, passou a ser quinzenal, voltando à condição de mensário em 1984.³ Apesar das dificuldades o periódico seguia na batalha democrática-popular que, nas palavras de seu editor, era: “uma luta de continuada resistência” (CARVALHO, 1979, p. 2). Sem recuar diante das perseguições o *Resistência*, como o *Movimento* e o *Coojornal*, rompeu o silêncio sobre a guerrilha do Araguaia, assunto que permaneceu longe das páginas da grande imprensa. De fevereiro/78 a dezembro/84⁴ o tema apareceu em sete edições do jornal:

³ Atualmente possui uma versão *on-line* disponibilizada no site da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos por ocasião dos 36 anos da organização e 35 do jornal. Disponível em: <http://sddh.org.br/>.

⁴ O *corpus* pertence ao Arquivo privado Alexandre Cunha, localizado no Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo, anexo ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), na Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Belém. Está em meio físico e organizado por ordem cronológica.

- Agosto/78: “A Guerrilha do Araguaia” (Matéria com entrevistas e relatos de personalidades do Exército, policiais da região, população local, ex-integrante do movimento, membros da igreja e índios da etnia Suruí)⁵;

- Setembro/78: “A guerrilha do Araguaia” (Trata-se de um protesto de José Genuíno Neto “contra as distorções” publicadas pela revista *Veja* sobre a guerrilha);

- Fevereiro/79: “Encontre Jana” (Entrevista com Benigno Girão Barroso, pai da estudante conhecida como Cristina, desaparecida desde 8 de fevereiro de 1974 (COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; IEVE; SCHMIDT, 2009, p. 536); e mais os “Os poemas da Guerrilha do Araguaia”;

- Novembro/79: “O que foi, afinal, a guerrilha do Araguaia?” (Resumo sobre o movimento e a divulgação dos “27 pontos”, um programa político da União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo – ULDP, organização criada pelos guerrilheiros, elaborado com base nas reivindicações da população local);

- Abril/80: “Guerrilha do Araguaia: granada do Exército mata e mutila lavradores”;

- Dezembro/80: “Guerrilha do Araguaia: na trilha do ‘povo da mata’” (Registro da caravana, composta por parentes dos desaparecidos, que percorreu a região onde aconteceram os conflitos; e

- Maio/83: “A volta do ex-guerrilheiro ao Araguaia, 11 anos depois” (Mostra o retorno de José Genoíno Neto, acompanhado por 12 deputados federais: do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB; do Partido dos Trabalhadores – PT; e do Partido Democrático Trabalhista – PDT ao sul do Pará para avaliar as proporções dos conflitos de terra).

A guerrilha do Araguaia foi um movimento revolucionário ocorrido no norte do Brasil durante a primeira metade da década de 1970. Segundo a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos (2009, p. 403), os primeiros membros do grupo guerrilheiro chegaram à região em 1966. Estabeleceram-se em uma área estratégica localizada entre os estados do Pará, Maranhão e Goiás (atual Tocantins), conhecida como Bico do papagaio.

Durante a repressão as Forças Armadas mobilizaram cerca de sete mil militares contra setenta e três guerrilheiros divididos em três destacamentos (A – Faveira; B – Gameleira; e C – Caiano)⁶. De acordo com a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos todos os prisioneiros foram executados (alguns corpos decapitados) e enterrados em bases militares (2009, p. 403). Na

⁵ Transcrição do semanário *Movimento*, de São Paulo.

⁶ O livro *Guerrilha do Araguaia: Uma epopeia pela liberdade* (2005) apresenta um mapa da guerrilha do Araguaia com as seguintes informações: Forças Armadas mobilizaram: na 1ª campanha – 5 mil homens; na 2ª campanha – de 8 a 10 mil homens; e na 3ª campanha – de 5 a 6 mil homens.

linguagem dos militares e seus guias o termo “decapitação” era substituído pela expressão “cortar o bico do papagaio”. Em depoimento, o mateiro Sinésio Martins Ribeiro contou: “A gente andava com saco de plástico grosso. Se acontecesse o que aconteceu, cortar o bico do papagaio e botar no saco, para levar a prova que matamos. Na guerra, não se falava em arrancar cabeça. A gente falava que era bico do papagaio.” (NOSSA, 2012, p. 177). Conforme o relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV) foram identificados sessenta e quatro mortos (2014, p. 714-715) e, aproximadamente, cinquenta desaparecidos.

Apesar da tentativa de apagamento, a guerrilha do Araguaia aparece em textos escritos em prosa e versos, com autoria atribuída aos guerrilheiros. Elza Monnerat, contou ao jornal *Movimento* (matéria transcrita pelo *Resistência*, em agosto/78) que surgiram poetas e músicos entre os militantes durante o tempo em que viveram no norte do Brasil. Informou também que compuseram o Hino dos guerrilheiros; dois poemas em estilo de literatura de cordel; e várias poesias dedicadas a Helenira Rezende de Sousa Nazareth (Fátima)⁷ e João Carlos Haas Sobrinho (Juca)⁸.

Vale ressaltar que, embora o foco deste artigo seja a produção literária relacionada ao movimento guerrilheiro, outras composições merecem destaque por apresentarem um tom combativo e complementarem as ideias abordadas nos dois poemas selecionados.

Os poemas da Guerrilha do Araguaia e outras fontes

Em fevereiro de 1979 o jornal *Resistência* publicou, com exclusividade, “Os poemas da Guerrilha do Araguaia”: *Cantar é preciso; Verso & Reverso; Canção das Forças Guerrilheiras do Araguaia; Eh Marabá; O Finado Joaquim; O início; Canto de amor aos guerrilheiros do Araguaia; e Poema do Soldado Morto*⁹ (CARVALHO, 1979, p. 24), oito textos supostamente escritos por componentes do grupo rebelde. Conforme já indicamos esses textos também fazem parte de um folheto mimeografado, contendo quarenta e três páginas, intitulado *Primeiras Cantigas do Araguaia*, de Libério de Campos.

A nota jornalística ao lado dos poemas informa que o “livro de Libério de Campos” é uma “homenagem ao 2º aniversário [1974] da resistência armada das Forças Guerrilheiras do Araguaia”

⁷ Era integrante do Destacamento A e está desaparecida desde 29 de setembro de 1972. (COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; IEVE; SCHMIDT, 2009, p. 375).

⁸ Era integrante do Destacamento C e da Comissão Militar e está desaparecido desde 30 de setembro de 1972. (COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; IEVE; SCHMIDT, 2009, p. 378).

⁹ Para verificar a apresentação dos poemas e de outras obras publicadas pelo jornal *Resistência* ver Melo (2018).

(CARVALHO, 1979, p. 24). Segundo o editor, em 1976 o material foi entregue na redação de *O Estado do Pará*. Sem a possibilidade de publicação permaneceu guardado até 1979, quando o jornal *Resistência* o divulgou parcialmente. Para os familiares de mortos e desaparecidos na guerrilha do Araguaia: “Libério de Campos pode ser uma alusão dos autores aos objetivos de sua luta – ‘Liberdade-Camponeses’” (CAMPOS, 1980, p. 4).

Entre os membros do movimento no Araguaia não existe pessoa identificada com este “nome”. A referência mais próxima é a do militante conhecido como “Joca” – é o italiano Líbero Giancarlo Castiglia, filho de ativistas, membro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) que após 1964 passou à clandestinidade; realizou cursos de capacitação política e militar na China e na Albânia; amigo de André Grabois, chegou ao Sudeste do Pará no final de 1967, estabeleceu-se como comerciante na localidade de Faveira e adotou o nome de João Bispo Ferreira da Silva; também integrou a Comissão Militar da guerrilha do Araguaia¹⁰. Nada consta sobre ele ser o verdadeiro autor dos poemas supracitados.

Sobre os poemas, Maklouf Carvalho (1979, p. 24) escreveu que “a qualidade poética e mobilizadora de seus [versos] são suficientes para que [...] queiramos saber mais.” Na versão *on-line* do folheto os familiares de mortos e desaparecidos na região do Araguaia (1980, p. 4) comentam sobre as composições reunidas em *Primeiras Cantigas do Araguaia*: “Quem as lê percebe que, de fato, foram feitas por pessoas muito íntimas da guerrilha.”

Para o comandante do movimento, Maurício Grabois, conhecido como Mário, a literatura sobre a guerrilha se expandia com o surgimento de poesias e hinos (2014, p. 112). Ele escrevia uma espécie de diário que desapareceu no dia 25 de dezembro de 1973, após o ataque dos militares à Comissão Militar guerrilheira¹¹. Existe a hipótese de os militares terem apreendido os documentos encontrados no acampamento (MORAIS E SILVA, 2012, p. 484). O historiador e pesquisador Hugo Studart (2006, p. 45) conta que, no mesmo dia do ataque, “um capitão da área de informações [...] convocou cinco cabos e soldados para que se revezassem na tarefa de copiar o conteúdo à mão. O *Diário* original teria sido cremado. Restaram cópias datilografadas.” Osvaldo Bertolino (2011), escritor da biografia de Maurício, relata que recebeu “anonimamente, trechos do que seriam as anotações do comandante militar da Guerrilha do Araguaia, mas, impossibilitado de verificar a

¹⁰ Está desaparecido desde o dia 25 de dezembro de 1973 (COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; IEVE; SCHMIDT, 2009, p. 520-521)

¹¹ Há questionamento quanto a autenticidade das versões apresentadas.

veracidade do documento” optou por não usar as informações¹². Leonencio Nossa (2012, p. 165) informa que “o diário atribuído a Grabois foi publicado na internet pelo militar da reserva e pesquisador Carlos Azambuja, 33 anos após a morte de Zé Carlos.” A versão do *Diário* disponibilizada no site da Fundação Maurício Grabois também registra composições que teriam sido escritas no espaço onde ocorreram os confrontos. Entre esse material está a *Canção do Guerrilheiro do Araguaia*¹³

Nas selvas sem fim da Amazônia
Vive e combate o guerrilheiro sem par
Valente e destemido
Sua bandeira fulgente é lutar

Tudo enfrenta com denodo
Para livrar da exploração
O povo pobre, a Terra amada
E construir nova Nação

Não dá trégua aos soldados
P’ra[sic] derrotar os generais
Emboscar, fustigar dia após dia
Atacar, sempre mais, sempre mais!

Sob o manto verde da floresta
Para as massas anseia paz e pão
Bem estar para os trabalhadores
Alegria para os jovens e instrução

Nada teme, jamais se abate
Afronta a bala a servir
Ama a vida, despreza a morte
E vai ao encontro do porvir

Está pronto p’ro[sic] combate
Em dia claro ou noite escura
Acabar, esmagar o imperialismo
Derrubar, liquidar a ditadura!

Da liberdade heróico[sic] defensor
Inimigo do regime militar
Quer terra p’ra todo lavrador
Feliz, viver e trabalhar

¹² Documento também publicado pela revista Carta Capital, em 21 de abril 2011. Ainda não há documentação histórica que ateste a existência do diário do comandante da guerrilha, tornando os dados imprecisos. Por esta razão seguimos a posição de Nossa que prefere ver o material como “suposto diário”.

¹³ Considerada o hino das Forças Guerrilheiras do Araguaia (FGA) – Organização criada em decorrência das operações militares que iniciaram em abril de 1972 “a fim de desbaratar as operações militares da ditadura, defender suas vidas e desenvolver sua luta pela posse da terra, a liberdade e uma existência melhor para toda a população [...]”, Comunicado Nº 1, de 08 de junho de 1972 (GRABOIS, 2014, p. 13).

Lutador audaz do Araguaia
Rebelado no Sul do Pará
Junto ao povo, unido e armado
Na certa um dia vencerá

Sua tarefa gloriosa
Realiza com ardor
Avançar, empunhar todas as armas
Contra o inimigo opressor! (GRABOIS, 2014, p. 108-109)

Quanto à forma a canção apresenta nove quadras com versos livres, variando entre seis e onze sílabas métricas. As rimas são externas, consoantes, a maioria rica e aguda, alternadas e seguindo o esquema rítmico: ABCB, ou seja, a repetição de sons acontece somente no segundo e no quarto versos. A variação de sílabas nos versos rompe com a uniformidade métrica, rejeitando as regras de padronização.

Quanto à linguagem, a letra enquadra-se mais na ética do que na estética. É direta, sem rodeios e metáforas, expõe o interior de pelo menos dois corpos sociais: os combatentes – condenados à clandestinidade; e os habitantes – colocados à marginalidade. Mesmo quando a voz poética manifesta-se no singular, a escrita encontra-se bastante pautada pela noção de “coletividade”, isto leva à hipótese de que o objetivo principal dos textos que compõem o *corpus* sobre a guerrilha do Araguaia era divulgar o movimento e chamar atenção para os problemas sociais da região e não promover talentos literários.

Percebe-se na canção uma voz poética em consonância com as figurações do herói épico moderno, disposto a resistir às forças sociais opressoras, ainda que para isso sofra as consequências devastadoras. Apresenta ainda estrutura melódica e rítmica direcionada ao fortalecimento do clamor ao combate, com as repetições fixadas nesse tema. Em função desses aspectos, trata-se de material alinhado com a expressão e a motivação da luta coletiva, assim a voz poética se apresenta como representação de uma coletividade – em geral de grupos privados de seus direitos ou explorados.

As aspirações à resistência, em particular à luta também são identificadas tanto nos registros do *Diário* como nos textos de *Primeiras Cantigas do Araguaia*, como em: “‘Canção das Forças Guerrilheiras do Araguaia’ – [...] que noite nos deterá? Decerto não fizesse escuro deitaríamos os fuzis no leito do Araguaia [...]” (CAMPOS, 1980, p. 39); e “‘Canto de amor aos guerrilheiros do Araguaia’ – não nas vossas mãos não tendes fuzis / tendes clarões estrelas pedaços de manhã / as vossas armas são como archotes combatendo a noite [...]” (CAMPOS, 1980, p. 24). A mesma confiança que aparece registrada pelo comandante da guerrilha no dia 22 de junho de 1972: “Logo o sol brilhará intensamente, e seus raios se infiltrarão entre as árvores e seu calor animará o habitante

da selva” (GRABOIS, 2014, p. 16), também é encontrada em algumas estrofes no *corpus* publicado pelo *Resistência*, como em “Cantar é Preciso”

[...] Esperamos que essa nossa iniciativa – apenas débil sussurro – possa, de outros lábios, desentranhar, mais firmes, afirmações de esperança, cantigas de alvorecer. E, numa livre reação em cadeia, que as palavras se lavrem, se elevem, se multipliquem [...] (CAMPOS, 1980, p. 7).

Outro documento que chama a atenção pela escrita semelhante aos já citados é a carta de Ciro Flávio Salazar de Oliveira¹⁴, escrita em 10 de setembro de 1972. Segue um fragmento:

Meus velhos, olhem para o horizonte. Os raios de esperança começam a nascer. Assim como o sol surge numa manhã limpa e clara e vai aos poucos tomando corpo e esquentando a terra, também nós e a revolução estamos nascendo, tomando corpo e esquentaremos a nossa Pátria com a fogueira da guerra popular.¹⁵ (MORAIS E SILVA, 2012, p. 620-621)

Observa-se que o material registrado no *Diário* e a carta de Flávio apresentam elementos que intertextualizam com os poemas publicados pelo jornal *Resistência*. Essas semelhanças reiteram a hipótese de terem sido produzidos no âmbito da experiência de campo desses guerrilheiros. Outra possibilidade é de que alguns poemas tenham sido inicialmente letras de canções entoadas em reuniões e festejos locais.

Trata-se de uma literatura com características próprias. A liberdade almejada no conteúdo do material também está presente na própria forma das obras. São textos que, embora apresentem certas regras de estruturação, parecem seguir as próprias normas. Em um dos registros do *Diário* o autor escreveu: “Estou certo de que aqui, no Araguaia, se forjará uma autêntica literatura revolucionária e popular, com suas características próprias.” (GRABOIS, 2014, p. 112). Isto revela uma escrita ética, onde a maior preocupação não é cumprir as exigências estéticas, mas divulgar o movimento e seus objetivos. O comandante da guerrilha explica que “nem sempre a qualidade da produção literária é boa, mas seu conteúdo visa sempre exaltar o movimento guerrilheiro [...]” (GRABOIS, 2014, p. 112).

Os textos publicados pelo *Resistência* mostram estruturas variadas como, por exemplo, *Cantar é Preciso* que se apresenta ao modo da prosa poética, como se fosse um quadro narrativo; por sua vez, *Eh Marabá* apresenta uma estrutura apoiada na irregularidade, ou seja, é constituído por:

¹⁴ Documento apreendido pela 3ª Brigada de Infantaria. (MORAIS E SILVA, 2012, p. 269). Integrante do Destacamento B está desaparecido desde o dia 30 de setembro de 1972. (COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; IEVE; SCHMIDT, 2009, p. 378).

¹⁵ Finaliza a carta da seguinte forma: “– ‘Foguera’[sic] que não se apaga – Forças Guerrilheiras do Araguaia” (MORAIS E SILVA, 2012, p. 621).

uma estrofe irregular com treze versos, uma quadra, um monóstico, uma nona, uma quadra e um monóstico, todas com versos brancos e livres¹⁶.

Neste artigo, os poemas são observados à luz do contexto de produção, particularmente em função dos fortes elos temáticos com o movimento guerrilheiro. Por se tratar de composições inseridas em um cenário de militância política adotou-se a análise materialista para a constatação da questão central que é verificar quais elementos presentes nos poemas *Cantar é Preciso* e *Eh, Marabá* indicam o seu enquadramento em uma poética da resistência.

Os poemas da Guerrilha e a poética da resistência

A primeira frase no capítulo “Narrativa e Resistência”, de Alfredo Bosi (2002, p. 118) é: “Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético”. Ela está ligada à força de vontade no sentido de opor-se a forças externas. A arte, porém, estaria relacionada às potências do conhecimento e não de força de vontade. Neste sentido, “não se deveria misturar conceitos próprios da arte e conceitos próprios da ética e da política” (BOSI, 2002, p. 118-119). Mas, ele também nos oferece a solução ao dizer que é possível passar “da esfera ética para a estética” quando o autor explora os seus valores (força) que “repelem e combatem os antivalores respectivos” (2002, p. 120). Com vários exemplos Bosi chega às aproximações entre narrativa e resistência, identificando duas maneiras: resistência como tema; e resistência como processo imanente à escrita.

A primeira está relacionada a obras que representam o engajamento do autor contra determinada ideologia dominante (política ou filosófica, ou regime) posicionada historicamente. O “tema da resistência se universaliza na cultura existencialista. Confere uma dimensão ética a uma atitude que transcende o fato da oposição direta [...]” (BOSI, 2002, p. 129). A escrita é: não conformista, revolucionária, de recusa. Trata-se da relação entre narrativa e resistência ética ocorrida em um âmbito com significado temporal, inserido na cultura de resistência política. O conflito não acontece dentro da personagem. Ela é provocada por determinado impulso externo que a motiva a desafiar ou resistir.

A segunda é sobre obras “escritas independentemente de qualquer cultura política militante” que mostre “uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema” (BOSI, 2002, p. 129). O embate vai além do estilo e da mentalidade

¹⁶ Em *Primeiras Cantigas do Araguaia* o poema é formado por: um dístico, uma estrofe irregular com onze versos, uma quadra, um monóstico, uma nona, uma quadra e um monóstico (CAMPOS, 1980, p. 23).

dominante. Basicamente a tensão ocorre em dois momentos: antes (a ideia, o motivo, a origem) e durante o próprio processo de escrita. Com relação à poesia o autor identificou: a resistência da sátira e da paródia; a resistência profunda da poesia mítica; a resistência interiorizada da lírica (memória e imaginação enlaçadas); e a resistência que se faz projeto ou utopia no poema voltado para a dimensão do futuro, possibilidades que podem ser testadas também nas relações entre narrativa e resistência, mesmo que estejam fora de um contexto de militância política.

Ao analisar poemas de resistência escritos no âmbito da literatura francesa, entre 1940 e 1945, produzidos no contexto da Segunda Guerra e na ofensiva dos Aliados contra o Nazismo, Yasmine Getz diz que a poesia de resistência depende da dimensão circunstancial de onde emerge. Ela argumenta que apesar de ser oriunda da fala individual do poeta trata-se de uma poesia interessada e ardente, que coloca a nação em relevo, comportando-se como se fosse uma canção nacional, capaz de carregar as esperanças e convicções populares do lugar de onde provém e/ou de uma determinada época. Com esse propósito estende a posição individual – do poeta – a um todo coletivo. Por outro lado, o coletivo também repercute e em alguns casos até mesmo justifica a matéria poética. Nesse tipo de poesia é ainda abolida a distinção entre *poiesis* e *práxis* e Ação e Sonho se confundem (GETZ, 2000, p. 354).

Não sem razão, Cristiano Jutgla considera que a fortuna crítica sobre a poesia contemporânea produzida no Brasil tem consagrado determinadas tendências, como a poesia marginal e o concretismo, ao mesmo tempo em que negligencia a poesia política. Diz ele que a “[...] razão alegada para a atitude seria um suposto déficit expressivo, considerados esteticamente sem efeito sobre o leitor hodierno, porque os poemas foram feitos sob o calor da hora, ou seja, dependentes do contexto histórico” (JUTGLA, 2013, p. 74). Contudo, nota ainda que

A produção poética de combate merece ser objeto de estudo tanto pela problematização estética que coloca, uma vez que sua configuração instaura uma revisão dos critérios de avaliação, justamente porque diversos textos de combate apresentam sintomaticamente um caráter testemunhal, por conseguinte, ético com os sobreviventes e, principalmente, com os mortos pelo regime militar. (JUTGLA, 2013, p. 81).

Para além da tensão interna proposta por Bosi (2002) e da ênfase nas matérias de cunho coletivo, como salienta Getz (2000), parece-nos que o teor testemunhal, tal como pontuado por Jutgla (2013), é um aspecto evidente na poesia de resistência, bem como a linguagem da clausura ou sufoco, conforme salienta Nathália Macri Nahas (2017). É possível encontrar nos poemas da guerrilha todos esses aspectos, além daqueles associados ao forte teor épico, conforme evidenciamos no tópico anterior, ao confrontarmos outros materiais com a mesma temática.

A fim de dar vazão ao estudo de caso, dentre os oito textos poéticos divulgados pelo periódico, selecionamos *Cantar é Preciso* e *Eh Marabá* para análise. Quanto ao âmbito formal, o primeiro poema foi escrito em terceira pessoa e está dividido em duas partes. No jornal, ele aparece em duas colunas com o título centralizado e dividido entre as duas metades do poema que se apresenta ao modo da prosa poética, como se fosse um quadro narrativo. Segue a transcrição da primeira parte:

Cantar é

Um dia lembramos. Há quase dois anos, guerrilheiros no Araguaia, há quase dois anos, lutando. Contra a miséria. Contra a opressão. Contra o meio adverso, no meio da selva, lutando.

E a guerrilha vive. Lâmpada acesa na noite (há quase dois anos), vive. Apesar de insídias latifundiárias. Apesar dos tecnocratas. Dos belicosos. Dos *trustes*, dos monopólios. Apesar dos generais. Senhores da terra e da guerra, donos do fôgo[sic] e do lôgro[sic]. Apesar – e por causa deles – a guerrilha vive. E corre, como um regato noviço, para os rios da Manhã. Vitórias foram conquistadas. Há quase dois anos, ali e além, cresce a resistência popular. O povo percebe. O povo aspira no ar um sopro de novo em tudo isso. E descobre. E se move. E resiste. E pouco a pouco se forja em coisa única, indizível.

E nós, que temos feito diante disso? Os que sabem o tempo não podem ficar à margem, assistindo apenas. Decerto que por fuzil e decreto é proibido cantar. Mas cantar é preciso. Quando ainda não o grito, seja o balbucio. Se não a palavra aberta, o amplo segredo. Nunca, no entanto, o silêncio. Dizem que o silêncio é de ouro. Mas de quem esse ouro? Sabemos que não só povo, para nós o silêncio é podre. E cantar é preciso. (CAMPOS, 1980, p. 6)

A matéria de cunho coletivo se manifesta e se justifica na presença da guerrilha e na luta nela implicada, mas, sobretudo, pelo tom épico da composição formal. Torna-se evidente na medida em que o parágrafo inicial se apresenta como memória das dificuldades encontradas pela guerrilha, principalmente na insistência em permanecer na luta: “Um dia lembramos. Há quase dois anos, guerrilheiros no Araguaia. Há quase dois anos, lutando. Contra a miséria. Contra a opressão. Contra o meio adverso, no meio da selva, lutando” (CAMPOS, 1980, p. 6).

O teor testemunhal está presente na voz poética, constituída como coletivo guerrilheiro e no apelo à possibilidade de, com base nessa experiência, construir uma memória individual e coletiva, requisitada para mostrar o passado de luta e resistência. Essa resistência também é exaltada no segundo parágrafo: “a guerrilha vive [...] Apesar dos tecnocratas. Dos belicosos. Dos *trustes*, dos monopólios. Apesar dos generais. Senhores da terra e da guerra [...] Apesar – e por causa deles – a guerrilha vive”. Nesses termos, a memória vem agregar-se à sobrevivência, tema caro aos textos de teor testemunhal.

É justamente por causa dos “obstáculos” que se deve resistir com afinco, ainda que existisse a desvantagem em relação ao oponente e o êxito na luta dependesse mais da capacidade de esquiva do que da força. Dois termos são manejados como alegorias dessas condições de resistência: o “regato” – embora pequeno e de pouco volume, consegue esgueirar-se até os rios; e, a “manhã” – tal

como no famoso poema *Tecendo a manhã*¹⁷, de João Cabral de Melo Neto, representa a possibilidade de um futuro. Assim como “Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos”, também em *Cantar é Preciso* esse futuro se encontra entrelaçado à ideia de construção em coletivo, em que a luta é ao mesmo tempo o tear e a tela em que todos poderão moldar o amanhã (futuro) ou transformar o presente.

O termo “manhã” no poema cintila outra importante relação associada à repetição rítmica de “apesar”. Nesse sentido, essa repetição evoca ainda a intertextualidade com a canção *Apesar de você*¹⁸, de Chico Buarque. A letra, em sua camada mais superficial, é composta como se fosse uma simples briga de um casal de namorados em que um dos parceiros é acusado de admoestar o outro, mas na verdade é uma crítica à censura e as arbitrariedades do regime contra a liberdade de expressão. O refrão “Apesar de você / amanhã há de ser / outro dia” também constitui evocações à esperança de um futuro transformado pelas ações do presente marcado por inúmeras formas de violência.

No poema, a linguagem da clausura ou do sufoco vem à tona através da associação entre a luta dos guerrilheiros e a crítica ao presente, que se estende para outros setores associados à governabilidade autoritária. Trata-se dos outros “senhores da guerra”, especialmente envolvidos na exploração e expropriação dos segmentos populares (trabalhadores, camponeses, ribeirinhos, indígenas, que vivem no campo e dele tiram o seu sustento) com quem os guerrilheiros se envolveram diretamente. É desse teor fortemente crítico que surge aquela tensão indicada por Bosi. Tensão inconciliável, no âmbito dos poemas da guerrilha.

O fragmento a seguir mostra que continuar a luta é necessário: “Decerto que por fuzil e decreto é proibido cantar. Mas cantar é preciso. Quando ainda não o grito, seja o balbucio [...] Nunca, no entanto, o silêncio. Dizem que o silêncio é de ouro. Mas de quem esse ouro? Sabemos que não é do povo”. Nesta primeira parte a epicidade destaca-se na medida em que a voz coletiva ganha força com o cantar, pelo “redizer”, como um refrão, que não deixa esquecer. “Cantar” é um ato de resistência tanto ao silêncio quanto ao esquecimento, portanto, é também uma forma de sobreviver.

A segunda parte, introduzida através do termo “Preciso”, é como uma afirmação da necessidade pessoal e coletiva de resistir. Contém a justificativa da resistência (também) pela escrita, ao mesmo tempo em que manifesta as esperanças e as ações do grupo:

¹⁷ Publicado em 1966.

¹⁸ Composta em 1970.

Preciso

Pensando nisso é que organizamos este caderninho. Revelação artística é talvez o que de menos se mostre aqui. Tampouco é áspero o canto conforme pede o momento. Guiou-nos porém, mais que tudo, a vontade de dizer. O desejo de quebrar as vidraças do silêncio.

Esperamos que esta nossa iniciativa – apenas débil sussurro – possa, de outros lábios, desentranhar, mais firmes, afirmações de esperança, cantigas de alvorecer. É, numa livre reação em cadeia, que as palavras se lavrem, se elevem, se multipliquem.

Este trabalho é, pois, dedicado a todo o povo brasileiro; a todos os que, de alguma forma, se batem pela liberdade; e principalmente ao povo e às Forças Guerrilheiras do Araguaia, pela sua brava resistência patriótica, de onde já saltaram para a História verdadeiros mártires e heróis, a exemplo de Bergson Gurjão, Quelé e Helenira Machado. (CAMPOS, 1980, p. 7)

O termo “preciso” sugere duas classificações: Adjetivo – quando complementa a primeira parte: “Cantar é *preciso*”. Ainda nesta classificação ele pode ser visto como algo “imprescindível”; ou feito com perfeição, “exato”; e Verbo – isolado, torna-se a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, deixando subentendida a sua ligação com outras sentenças presentes no corpo do poema, como “[preciso] dizer”, “[preciso] quebrar as vidraças do silêncio”, “[preciso] levar o meu canto a outros”, “[preciso] reverenciar meus companheiros”.

A associação entre canto e coletividade, atrelada a utopia da luta é um tema recorrente entre três poemas publicados: *Canção das Forças Guerrilheiras do Araguaia*, *Canto de amor aos guerrilheiros do Araguaia* e *O início*. Essa vontade de coletividade lembra que: “Uma das marcas mais constantes da poesia aberta para o futuro é a *coralidade*. O discurso da utopia é comunitário, comunicante, comunista. O poema assume o destino dos oprimidos no registro da sua voz”, pois “o coro atua, necessariamente, [como] um modo de existência plural. São as classes, os estratos, os grupos de uma formação histórica que se dizem no tu, no vós, no nós de todo poema abertamente político”. Porém, “o coro não se limita a evocar uma consciência de comunidade; ele pode também provocá-la, criando nas vozes que o compõem o sentimento de um destino comum” (BOSI, 1977, p. 181-182).

O segundo poema escolhido é sobre Marabá, cidade localizada nas proximidades de onde ocorreu a guerrilha. Inicialmente é apresentada como um ponto de referência, um norte, uma bússola ou carta de orientação. Há no texto uma acentuada integração entre o tema da guerrilha e a luta por justiça social, com destaque para o cenário urbano. Pode ser que Marabá tenha sido escolhida para representar todas as cidades da região onde ocorreram os conflitos. Vejamos o poema *Eh Marabá*:

Eh Marabá
um canto rebelde a teus fuzis!
um canto global
cheirando a ar de madrugada
um canto dessa gente brasileira
de arrastão arrastando rede

barcaça subindo e descendo rio
um canto de enxada e suor na terra
aboio dolente ninando a noite
um canto
dessa gente apressada das cidades
poluído com fumaça
chaminé e sirenes de fábricas

Eh Marabá
norte, bússola, bandeira
estrela da manhã
carta de marear

o teu povo se integra em ti!

Eh Marabá
do fundo da noite
da impotência do braço
longos anos te esperamos!
Mas hoje sabemos
que o teu braço de oprimido
é maior que o *Empire State*
que o clarão de mil *napalms*
devastando o matagal

Norte, bússola, bandeira
estrela da manhã
carta de marear
Eh Marabá

Os oprimidos aprendem o caminho! (CAMPOS, 1980, p. 23)

O texto organiza-se poeticamente como se fosse a letra de uma canção, dispondo de refrão. Seu desenvolvimento está baseado no “canto” como ponto de partida ou mesmo representação de uma coletividade. Na primeira estrofe o “canto rebelde” e “global” é como um grito coletivo que, angustiado, protesta contra a opressão e os problemas sociais. Mais uma vez o termo é usado como metáfora de “clamor”. Essa “gente brasileira” é o povo que grita e precisa de uma direção, um norte, uma bússola, uma bandeira para seguir lutando. Marabá parece assim ser o lugar de trânsito daqueles que estão na luta pela sobrevivência comunitária e também ponto de chegada e partida daqueles que embarcam na luta armada.

Historicamente, ela foi um lugar estratégico para a luta armada, tanto para os guerrilheiros quanto para o braço repressor. Lá está a “Casa Azul”, prédio que passou a ser base militar e centro clandestino de detenção de prisioneiros políticos. É possível ouvir pela cidade, ainda que em medrosos sussurros, os relatos de confrontos entre soldados e guerrilheiros que resultaram em mortes e mutilações de corpos.

Assim como no poema anterior, nota-se também a associação entre os signos da guerrilha e os que marcaram a população oprimida, porém, em *Eh Marabá* a resistência à exploração ganha mais ênfase do que a resistência ao regime ditatorial. As vozes que entoam o canto são dos pescadores, barqueiros e camponeses somadas as dos trabalhadores urbanos. O clamor que se expande e engloba campo e cidade integra um coletivo com agruras em comum e, portanto, com lutas em comum.

Essa integração é também movida pela opressão: “o teu braço de oprimido é maior que o *Empire State*” (grifos nossos). Ao comparar o tamanho do braço à altura do famoso arranha-céu de 102 andares, localizado em Nova York, o poeta consegue estabelecer um interessante jogo opositivo entre quem representa essa “gente” e o que representa o *Empire State* enquanto monumento de poder econômico, símbolo do capitalismo global. Especialmente por que antes da chamada ao “canto” esse mesmo braço é “impotente”. Portanto, é o canto de toda essa “gente” que o torna forte e destemido, qualidades do bom povo guerreiro. Logo após mencionar o *Empire State*, o autor tem a preocupação de referenciar “o clarão de mil *napalms*”, completando o circuito da violência e da exploração. A rede de significações, atrelada ao material também intertextualiza com a historiografia ao trazer ao texto o *napalm*. Em novembro de 1970 o Exército brasileiro utilizou o *napalm* no Araguaia (TELES, 2014).

Conclusão

Observou-se que os poemas publicados pelo jornal *Resistência* e o material registrado no *Diário* atribuído a Maurício Grabois apresentam características na forma e no conteúdo que, somadas, tem como objetivo principal chamar atenção para questões sociais e políticas. São textos sustentados por uma poética da resistência fundamentada no clamor para a luta.

Em função das temáticas envolvidas e também em razão de fazerem presentes os elementos estruturantes da poesia da resistência, os dois poemas analisados podem ser considerados como afins ao quadro mais amplo desse paradigma. Destacamos, como resultados da análise, a presença irrefutável do sentido de união e de coletividade, da tensão, do teor testemunhal e da linguagem e temática do sufoco, características que tem sido consenso entre os estudiosos da poesia de resistência. Contudo, destacamos especificamente nos textos analisados a fixação na matéria épica, direcionada à história da guerrilha, bem como a presença marcante de um projeto ou utopia direcionada à justiça social e, portanto, o registro de um presente em que se faz saliente o apelo à intervenção transformadora da vida.

Notadamente voltados à escrita sobre a guerrilha do Araguaia, os dois poemas selecionados para o estudo de caso, assim como os demais materiais do conjunto, apresentam harmonia entre a organização formal e os argumentos desenvolvidos. Neles, o destaque sem dúvida reside no esforço envolvendo a ideia de escrita enquanto canto, ao mesmo tempo em que corporifica o canto enquanto chamado ou clamor à luta, o que faz desses textos uma poesia de apelo combativo em que a defesa da luta, em favor de uma vida justa, é seu principal argumento.

Apesar da impossibilidade de afirmar categoricamente a origem dos poemas de *Primeiras Cantigas do Araguaia*, pode-se, com base nos registros do comandante da guerrilha e em outras fontes apresentadas ao longo deste texto, dizer que há fortes indícios de que eles tenham surgido da experiência de campo dos guerrilheiros.

Referências

- A GUERRILHA do Araguaia. **Resistência**, Belém, n. 5, ago. 1978. Especial, p. 9-14.
- BERTOLINO, O. Maurício Grabois e os devaneios de um jornalista. **Vermelho**, Brasília, abr. 2011. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2011/04/22/bertolino-mauricio-grabois-e-os-devaneios-de-um-jornalista/>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- BOSI, A. Poesia Resistência. In: BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. p. 181-182.
- BOSI, A. Narrativa e Resistência. In: BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.
- BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, 2014, p. 714-715.
- CAMPOS, L. **Primeiras Cantigas do Araguaia**. 1980. Disponível em: <http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibliotBNM&PagFis=21032&Pesq=>. Acesso em: 13 jan. 2016.
- CARVALHO, L. M. Guerrilha do Araguaia: granada do Exército mata e mutila lavradores. **Resistência**, Belém, n. 11, abr. 1980, p. 18-19.
- CARVALHO, L. M. Guerrilha do Araguaia: na trilha do “povo da mata”. **Resistência**, Belém, n. 19, dez. 1980, p. 5-8.
- CARVALHO, L. M. Nota aos leitores. **Resistência**, Belém, n. 10, jul. 1979, p. 2.
- CARVALHO, L. M. Os poemas da guerrilha do Araguaia. **Resistência**, Belém, n. 9, fev. 1979, p. 24.
- COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; IEVE; SCHMIDT, C. *et al* (org.). **Dossiê Ditadura**: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985). 2. ed. revista, ampliada e atualizada. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. pp. 403 e 520-521).
- ENCONTREM Jana. **Resistência**, Belém, n. 9, fev. 1979, p. 18-19.
- GENOÍNO NETO, José. Aguerilha do Araguaia. **Resistência**, Belém, n. 6, set. 1978. Cartas, p. 23.
- GETZ, Y. Poésie de la résistance, résistance du poete. **French Forum**, 25, 3, 2000, p. 349-364. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40552152?seq=1>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- GRABOIS, M. **Diário de Maurício Grabois na Guerrilha do Araguaia**. 2014. Disponível em: <http://www.grabois.org.br/portal/especiais/136883-44738/2014-04-10/diario-de-mauricio-grabois-na-guerrilha-do-araguaia>. Acesso em: 25 mar. 2020.

JUTGLA, C. A Poesia de Resistência à Ditadura Militar (1964-1985): Algumas reflexões. **Elyra – Revista da Rede Internacional Lyraempoetics**, 2, 2013, p. 73-97. Disponível em: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/27>. Acesso em 19 nov. 2019.

MELO, I. **Araguaia em verso e prosa**: os poemas da guerrilha veiculados pelo Resistência (o jornal em defesa dos Direitos Humanos). 2018. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

MONTEIRO, A. (org.). **Guerrilha do Araguaia**. – São Paulo: Editora Anita Garibaldi. 1. ed.: 1982 – 2. ed.: 1986- 3. ed.: 1996 – 4. ed.: 2005.

MORAIS, T. e SILVA, E. **Operação Araguaia**: os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

NOSSA, L. **Mata!**: o Major Curió e as guerrilhas no Araguaia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

O QUE foi, afinal, a guerrilha do Araguaia?. **Resistência**, Belém, n. 3, nov. 1979. Extra, p. 10-11.

POR QUE tanto segredo?. **Resistência**, Belém, n. 5, ago. 1978, p. 13
SOCIEDADE PARAENSE DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS. Estatuto. **Resistência**, Belém, nº 0, fev. 1978.

STUDART, H. **A lei da selva**. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

TELES, J. A. Os segredos e os mitos sobre a Guerrilha do Araguaia (1972-1974). **História Unisinos**, 18, 3, 2014, p. 467. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.183.03>. Acesso em: 22 jun. 2018.

VITAL, J. A volta do ex-guerrilheiro ao Araguaia, 11 anos depois. **Resistência**, Belém, n. 55, mai. 1983, p. 13.

Como citar este artigo:

MELO, Ivania da Silva Pereira de. Os poemas da Guerrilha do Araguaia: uma poética da resistência. **Revista Narrares** – V.1, N.2, Jul-Dez, 2023, pp. 97-115.